

UM ALGO ALÉM DO CAPITALISMO E OUTRO AQUÉM DO COMUNISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE METABOLISMO DE CAPITAL PÓS-CAPITALISTA

RIBEIRO, Júlio César¹

RESUMO

O movimento do real requer a constante observação da teoria, que deve, igualmente, pôr-se em movimento. As revoluções, tidas como tempos e espaços espirais, porque portadoras de bifurcações civilizatórias, direcionaram o movimento ao círculo do poder segregado, no século passado, não mais se centrando no econômico, mas no político. Apenas teorias holísticas e práxis radicais poderão prever e conformar o novo, em toda a plenitude inovadora. Para isso, é fundamental uma análise atenciosa tanto sobre a experiência acumulada como sobre as práticas em andamento, averiguando a diversidade das revoluções arroladas no mundo e os arranjos socioespaciais delas resultantes, com a participação ativa ou passiva da classe trabalhadora, nos mundos do trabalho produtivo e administrativo. Não é outro o motivo de, a depender do nível de organização interna, o país receber determinada conceituação; não havendo unanimidade ainda quanto o caráter do estágio sociopolítico alcançado após a superação do regime capitalista, não apenas pelas diferenças internas, como pelas relações socioeconômicas estabelecidas entre os espaços revolucionados. O texto, por isso, pode ser encarado como uma contribuição ao debate.

Palavras-chave: capitalismo, pós-capitalismo, socialismo, comunismo.

MÁS ALLÁ DEL CAPITALISMO Y MÁS ACÁ DEL COMUNISMO: CONSIDERACIONES SOBRE METABOLISMO DEL CAPITAL POSTCAPITALISTA

RESUMEN

El movimiento de lo Real requiere la observación constante de la teoría, la cual debe, igualmente, ponerse en movimiento. Las revoluciones, entendidas como tiempos y espacios en espiral, portadoras de bifurcaciones civilizatorias, condujeron el movimiento al círculo del poder segregado en el siglo pasado, centrado en lo político y no más en los económicos. Sólo las teorías holísticas y la praxis radical podrán predecir y conformar lo nuevo, en toda su plenitud innovadora. Por lo tanto, es fundamental un análisis atento tanto de la experiencia acumulada, como de las prácticas en proceso, descubriendo la diversidad de las revoluciones que aparecen en el mundo y los contextos socio-espaciales resultantes, los cuales son producto de la participación activa o pasiva de la clase trabajadora, en el mundo del trabajo produtivo y administrativo. No es otro el motivo, dependiendo del nivel de organización interna, para que el país reciba una cierta conceptualización; no existe una unanimidad sobre el carácter del estadio sociopolítico alcanzado después de la superación del regime capitalista, no sólo por las diferencias internas, sino también por las relaciones socio-económicas establecidas entre los espacios revolucionados. Este texto, por esta razón, puede identificarse como una contribución al debate.

Palabras clave: capitalismo, post-capitalismo, socialismo, comunismo.

A SOMETHING BEYOND OF THE CAPITALISM AND OTHER BELLOW OF COMMUNISM: CONSIDERATIONS ON THE METABOLISM OF CAPITAL POST-CAPITALIST

ABSTRACT

The movement of the real requires the constant observation of the theory, which should also get moving. Revolutions, as times and spaces in spirals, inasmuch as carriers of bifurcations of the civilizations, conducted the movement to the circle of the segregated power in the last century, no more focusing on the economic, but on the political. Only holistic theories and radicals praxis may predict and shape the new, in all its innovative fullness. For this, it is fundamental a careful analysis both on the accumulated experience and on the practices in process, discovering the diversity of the revolutions listed in the world and the socio-spatial arrangements resultants, with the active or passive labor class participation, in the worlds of the productive and administrative work. There is no other reason, depending on the level of internal

¹ Prof. Dr. da UFMS/CPTL. Integrante do CEGeT (Centro de Estudos de Geografia do Trabalho) e do CEReS (Centro de Estudos Regionais e Socioambientais). E-mail: jcezarr@hotmail.com

organization, that the country receives a certain conceptualization; there being no unanimity as to the character of the sociopolitical apprenticeship reached after the overcoming of the capitalist system, not only for the internal differences, but also by the socioeconomic relationships established between the revolutionized spaces. The text, therefore, can be seen as a contribution to the debate.

Keywords: capitalism, post-capitalism, socialism, communism.

1. Introdução sobre metabolismo de capital pós-capitalista

Para nós, não se trata de reformar a propriedade privada, mas de aboli-la; não se trata de atenuar os antagonismos de classes, mas de abolir as classes; não se trata de melhorar a sociedade existente, mas de estabelecer uma nova (MARX; ENGELS, 1850).

A reflexão aqui exarada detém caráter introdutório, tanto pelas especificidades internas às nações revolucionadas, quanto pelas relações conturbadas instaladas entre as mesmas. Também vale dizer que a ponderação transcende o terreno da semântica, figurando como caça da verdade, a qual espera alcatifar os degraus ao transe societal, a fim de que a investigação da verdade, como a da identidade dos fenômenos, suplante o metabolismo vigente.

Diante disso, aspirando a prostrar ao complexo metabólico capitalista, encimado no tripé Estado-capital-trabalho abstrato, passemos a analisar os protótipos socioespaciais espocados ao longo do século XX, em chãos de Europa, Ásia e América, e como as tais “geografias vermelhas” restaram conhecidas.

2. Os muitos batismos dos rebentos geográficos

As revoluções inauguraram, para uns, o *sistema de produção de capital pós-capitalista*. É o que nos diz o filósofo húngaro marxista István Mészáros (2002, 2003b) e aqueles que, no Brasil, se filiam à sua tese, como, por exemplo, o sociólogo paulista Ricardo Antunes (2000)². Até o momento, quem sabe seja esta a expressão que melhor traduz o fenômeno transicional das estruturas espaço-metabólicas.

Havia, além disso, os que rejeitavam nomear economias como a soviética de comunista, interpretando-a, no máximo, como peculiar manifestação *socialista*, como o fez o filósofo francês Henri Lefebvre (1981, 2002), o qual hostilizou o ideal da existência de Estado em sociedades comunistas, negando, inclusive, postulados como os dos socialismos “municipal” e “de Estado”.

² Estão recheados os conceitos pela teoria do sujeito. Não escapa à regra o de *pós-capitalismo*, justaposto seja à realidade soviética (segundo, entre outros, Mészáros e Mandel), seja à capitalista *pós-industrial*, da *sociedade do conhecimento* (no conceber de P. Drucker). Filiamo-nos à primeira corrente, por arremeter-se ao estudo das formações socioespaciais que transcenderam ao capitalismo.

Na rabeira da reflexão leninista, outros, como Del Roio (2007), vão mais além e renunciam ao juízo de ter a Rússia fruído do socialismo. Tendo meditado sobre o progresso e a retrogradação das relações sociais, entre formatos burgueses e pré-capitalistas, como sobre o amadurecimento das condições objetivas, produtivas e distributivas no ventre do capitalismo monopolista de Estado, Roio reiterou que nem de socialista a trajetória russa merecia a tacha.

A imagem do fenômeno, fiel ou não à realidade, não obstante, auferiu notoriedade popular e científica, calhando de a formação socioeconômica russa e, de maneira geral, soviética, restar sacramentada como socialista.

Gestada no bloco euroasiático³, foi assim propagada essa realização prático-concreta, *uma* dentre as *múltiplas* alternativas anticapitalistas reunidas no campo da esquerda mundial, o que autorizaria, sob esse prisma, a alcunha de *socialismo soviético*, habitualmente aplicada (MOREIRA, s/d).

Também houve os que classificaram o bloco da União Soviética e Leste Europeu de *socialismo de caserna* ou *capitalismo de Estado*, como o fez o filósofo alemão Robert Kurz (1993). Tese veementemente refutada por Arthur Giannotti, Bresser Pereira, Francisco de Oliveira, Fernando Haddad e Jacob Gorender, entre outros motivos, pelo banimento da propriedade privada, que junto suprimiu a tipicidade capitalista da arquitetura estatal (GORENDER, 1994).

As designações não param por aí.

O gigante histórico-geográfico “vermelho” deve também os seus tantos cognomes à confusão teórica oriunda da leitura equivocada dos clássicos, da etiquetagem conceitual celerada e de comparações mecânicas sobre realidades dessemelhadas. Um bom exemplar disso é o transplante autômato dos conceitos leninianos de *capitalismo monopolista de Estado* e *Estado-comuna* a realidades outras, descontextualizadas, pois, para Lênin, originalmente tais fenômenos caracterizariam, pela ordem, o domínio irrestrito do político pelo econômico (metabolismo burguês) e, adiante, com o Estado-comuna, o instituir da rachadura radical, princípio do salto em espiral, ocasião em que a propriedade de setores econômicos primordiais se encontraria sob mando do Estado operário-camponês (metabolismo socialista). Este concretizaria, valendo-se do centralismo político cumprido pelo partido bolchevique, a serviço do povo, o desgraçar da feição monopólio-burguesa, estatizando os meios de produção e reprodução sociais (gerindo unidades fabris, agrícolas, financeiras etc., para distribuir atividades, salário e renda).

³ Stálin (1904), além de estudar questões como as da nacionalidade e multiculturalidade, endossa, nalguns textos, a porção europeia da Rússia e ataca a tática burguesa de endereçar formatos sociais divergentes a coisas de orientais. Útil o informe à evitação de dualismos (como o baseado em Greenwich e/ou nas puristas e cartesianas interpretações culturalistas).

Ao que parece, o período que sobrevém ao falecimento de Lênin (1870-1924) espicha na Rússia a armação da ponte da transição que, figurada como destino socioeconômico final, não vingou transpassar a estação do metabolismo pós-capitalista. Ou seja, se se foi um pouco além de alguns dos complexos capitalísticos, não se alcançou, fundo, alicerçar os pilares domiciliares socialistas.

A lição daí extraída é que não basta ir mais à frente do capitalismo. É imperioso extrapolar a *cellula mater* da sociabilidade burguesa: o capital.

Pouco faltou, pela generalização abstrata do distorcido modelo soviético, para que todas as histórias plausíveis restassem sufocadas pela manta conceitual do capitalismo monopolista de Estado.

Outros, no encaixo da proposição marxiana-leniniana, prosseguindo a meditação teórico-conceitual, como o soviético Trotsky (1879-1940), emolduraram o juízo do *capitalismo de Estado* no salão degenerativo do socialismo, distinguindo a quadra momentânea da transição do verdadeiro estágio-meta.

Aludindo à especificidade soviética, Gorender (1994) preferirá o termo *socialismo de Estado* a *capitalismo de Estado*, quer pelo contributo da revolução à expropriação de capitalistas e grandes proprietários de terras, quer pelas leis e dinâmicas internas manejarem-se distintas das adversárias.

Há que sabermos discernir, neste íterim, de modo a desenrolar a consideração preposta, os conceitos de capital e capitalismo, de vez que não é a existência do capital algo suficiente para fixar de capitalista uma dada formação social. Tampouco a persistência de categorias como preço, lucro e salário. É preciso que o capital detenha o cetro da regência do ser, nucleando-o temporal e espacialmente, para que vingue o modo de produção burguês. O capital não só perdura em sociedades pós-capitalistas (cubana, soviética, venezuelana etc.), como existira nas pré-capitalistas (escravista antiga, feudal etc.). Fundamental, outrossim, que o salário, como as demais categorias, persevere de modo subordinado no metabolismo pós-capitalista, com o poder político e o público acavalando ao privado e ao domínio econômico.

Vem a calhar, para enriquecer o catálogo dos exemplos, rememorarmos o sagaz vislumbre de Trotsky sobre os perigos que acompanhavam a militarização e burocratização do Estado soviético, e que desandou no pacto entre Josef Stálin (1878-1953) e Adolf Hitler (1889-1945) e na invasão da Polônia, em 1939. O episódio corroborou a indispensabilidade das massas à materialização do socialismo, com condições objetivas e subjetivas entremeando-se sistemicamente, haja vista que a existência duma ou doutra categoria, inarticulada do todo dialético, ensombrece o enredar espacial e atesta a pouca utilidade da

expropriação da propriedade burguesa e sua nacionalização na porção oriental polonesa, por prescindir da atuação ativa e propositiva das massas revolucionárias.

O comportamento do metabolismo respondia, dessarte, aos parâmetros econômicos ditados pelo comando administrativo e pelo planejamento central burocrático, que conseguiu atalhar a lei do valor, prevenir a concorrência mordaz e reduzir o valor por produto, não sem prejuízo ao progresso tecnológico, tornado demasiadamente moroso e socialmente frustrante nalgumas esferas produtivas (notadamente as voltadas ao valor de uso, os mais básicos), de vez que imensas levas de trabalho e recursos eram injetadas na confecção de artigos de baixa qualidade, tanto mais precários quanto mais próximos se achassem do consumidor.

Apoiado em H. Magdoff, tal fato levará Mézáros (2003a) a reiterar que, enquanto a economia capitalista é planejada com vistas à produção para o lucro, a soviética, pelo burocratismo prescrito, se orientava à própria produção, a ponto de os trabalhadores aceitarem o desperdício generalizado (energia, matéria-prima etc.) e a negligência como partes da publicidade do dinamismo produtivista, para que fossem cumpridos os cronogramas estipulados pelo governo. De “sorte” que a produção social, em quantidade e qualidade satisfatórias, ficou para “depois”, porque orientada à “minoría” afortunada pertencente aos estratos militar e partidário; restando racionamentos e filas intermináveis ao povo. Outro inconveniente associado ao produtivismo concernia à alocação dos recursos, pois a ajuda governamental, na forma de bônus de incentivos, mirava, sobretudo no pós-1970, momento no qual se intensavam os sinais colapsantes da economia, as companhias com maior quantum de funcionários, incitando as empresas a realizarem contratações discutíveis. Como a produção fitava a meta e a planilha apadrinhava a produção, na teia dos simulacros, as empresas deficitárias, arredadas do escopo da produção, não obstante o expressivo cartel operário, auferiam investimentos generosos e engrossavam a bola de neve do desperdício, resignação e repetitividade, sem empenhos reais em inventividade e inovação no que deveria lapidar-se como *mundo do trabalho socialista*.

Não obstante, em favor da tese do conteúdo não capitalista das formações socioespaciais revolucionadas na primeira metade do século XX no estrado soviético, conta o empecilho à operação de empresas transnacionais, pela substituição da propriedade jurídico-política burguesa pela modalidade público-estatal. Assomado a isso, o sobrepor do poder político ao econômico e a justaposição do estamento burocrático-militar à classe plutocrata.

Pela sumária exposição, compreendemos que a formação socioespacial soviética, muito embora tenha minorado e/ou eliminado vários componentes do complexo burguês (propriedade privada, lei do valor abstrato etc.), tropeçou noutros ativos (alheamento do povo no gerenciar produtivo, laboral, proposicional, administrativo etc.). Daí que, se já não mais era eminentemente burguês o organismo socioespacial, perdera do mesmo modo a chance de instalar-se genuinamente socialista. Quiçá, por isso, tenha auferido a alcunha de pós-capitalista.

Saiamos agora do panorama soviético e atinemos a teoria à realidade coeva, listando elementos da China pós-capitalista.

Rápido, alguns autores reputarão o país asiático como *socialismo de mercado* ou *sistema híbrido*⁴, por mesclar princípios políticos (proto)socialistas com economia de mercado, na tentativa de sobrepujar a burocracia e a lentidão instigadas pela centralização política e, no palco econômico, refrear a desigualdade por intermédio da criação e distribuição de emprego e renda, além de concertar cooperativas e propriedades públicas e estatais com propriedades privadas, com vistas a desenvolver as forças produtivas, regular a escassez, alocar recursos e consolidar outra política econômica, não só avessa à globalizada e neoliberal, como também divisada, domesticamente, da que precedeu aos anos 1970, parametrada no que ficou conhecido como “igualitarismo por baixo camponês”⁵. (Aliás, inda hoje, muitos se engajam nesse eixo socialista, apesar das recentes e significativas mutações espaço-temporais, de pertencermos agora à era das massas e da globalitarização economicista, de feição urbana e rentista... Plataformas tradicionais essas que englobam de revoluções por guerrilhas – campestres e citadinas – a projeções de ruralismos autonomistas⁶.)

Foi o estigma da hibridez, então, reanimado pelo governo de Hu Jintao, para noticiar a imagem do país mundo afora, esperando readequar a *economia socialista de mercado* para, na opinião do Premiê Wen Jiabao, emplacar a substituição da política centralista dos pacotes governamentais pelo liberalismo econômico, com destilação de maiores liberdades a bancos e investidores privados⁷.

⁴ Vital pontuar que o *híbrido* não se assemelha à noção de *economia mista*, cogitada por muitos, por conta da gestão planificada de empresas e propriedades, com o Estado chinês a controlar total (terras) ou majoritariamente os fatores produtivos (bancos e empresas estatais).

⁵ Justificação de a luta socialista ter de ser pelo *direito ao urbano democratizado* (terra, infraestrutura, financiamento etc., englobando a multiculturalidade campesina, citadina etc.). Do contrário, cai-se na vala da estagnação das forças produtivas, nada mais remanescendo que miséria para socializar.

⁶ De que a revolução possa abrir frestas à revitalização de modos de vida secundados pelo capital (camponês, quilombola, indígena, cigano etc.) não restam dúvidas. A desconfiança cerca a crença de que os movimentos, muitos com projetos particularistas, ermitões, se bastam.

⁷ Esperemos os sinais do espaço para sondar se se trata de verdadeiro alvo socialista ou simples ardil prol pós-capitalismo, para acalmar os ânimos dos “parceiros”/concorrentes internacionais. Para nós, à economia

Assim, conquanto atue o governo sobre questões macroestruturais de financiamento e de escolha sobre as regiões as quais dinamizar, as iniciativas estão mais soltas que outrora (RODRIGUES [ed.], 2005, p. 30 *et seq.*)⁸.

Vemos então que existe, ladeado ao crescimento econômico chinês, uma dita responsabilidade com o desenvolvimento social, no que respeita à distribuição de oportunidades e renda. Como que interagindo os fatores públicos e privados, para tentar domar as regras insanas do mercado, até mesmo para fortalecer a esfera doméstica do consumo.

Pode, por conta disso, ser prematura a consideração de o país do dragão deter uma economia socialista de mercado, como querem os seus líderes, pois, de maneira semelhante, já fora anteriormente reputada errônea a ideia de os EUA do pós-guerra, experienciadores do *boom* desenvolvimentista ou do bem-estar social, deter um *modo de produção socialdemocrata*, como indevidamente afamou Chico de Oliveira (GORENDER, 1994).

São indispensáveis apreciações sobre a junção das forças produtivas com as relações de produção. Muitas vezes, uma forma de regulação específica (keynesiana etc.) acaba sendo tomada, porque generalizada, como modo de produção peculiar (como quis Oliveira), quando, no máximo, não passa dum híbrido ou dum conjugado capitalista (como o ianque) ou pós-capitalista (como insinua a realidade chinesa).

O circuito geopolítico hodierno não vingou, apesar das arremetidas, dos retardos e retrocedimentos, descarrilhar a utopia socialista junto com os malsucedidos experimentos-piloto. Ruiu o muro berlinense e fendeu o bloco pós-capitalista soviético, desestimulando temporariamente, é verdade, a vários movimentos de esquerda no mundo, contudo, o aprendizado colhido é de que o projeto socialista, ao invés de muros, emparelha com a demolição de barreiras (objetivas, intelectuais, culturais, emocionais e psíquicas), ensejando carcomer as paredes do dito impossível, pois nada consegue travar, *ad infinitum*, a sinuosidade e a insinuância das forças protossocialistas⁹.

Outrossim, houve oxigenação das teorias com as práticas, como vela a boa e velha dialética materialista. Inclusive porque, diz o rifão, na prática a teoria é outra, particularmente se forem as revoluções deflagradas em conjunturas menos propícias a

chinesa cabe melhor a faixa de economia híbrida que socialista ou, quem sabe até, pós-capitalista (uma vez que a simbiose com o capital é mais carnal, se equiparada à soviética).

⁸ Estima-se, para efeito de comparação, que os gastos governamentais da máquina brasileira consumam algo como 40% do PIB (WOLFFENBÜTTEL, 2005). A diferença é que os estorvos da (neo)liberal economia nacional decorrem de serviços de dívida pública, presa aos redemoinhos da agiotagem e do entreguismo. Variáveis controladas de perto, na China (RIBEIRO, 2015).

⁹ Enquanto “nobres” pensadores bradam o *fim da história* (Fukuyama) e a aniquilação do *lugar* (Bauman e Giddens discursam sobre a desimportância do espaço, apequenado à condição de instância métrica, “encurtada” pela técnica), exacerba o peso da geopolítica na presente época.

avanços derradeiros (como as deparadas pela Rússia, Cuba etc.). É imprescindível, mais do que antigamente, pelo feitiço global da sociabilidade, a continuidade dos estudos sobre a ontologia geográfica da revolução, para a exercitação da habilidade da leitura das brechas (RIBEIRO, 2008, 2010).

O capital, como decorrência das manobras político-econômicas, não só subsistiu como ganhou fôlego nas formações pós-capitalistas, no porão da economia marginal ou paralela (mercados negro e “cinza”, de contrabando e comércio semilegal) ou na suíte principal (mercado legal e planificado).

Por que, então, tais estruturas se revelaram ineptas em dissolver o capital?

3. O quesito produção: apreço excessivo pela sobreprodução

Veremos sobre o funcionamento do mundo do trabalho e da produção na sociedade soviética, advertindo, de vez que a conceituação deve corresponder à dialética do ser, que tal sociedade, dita pós-capitalista, nalguns momentos, perfilhou-se protossocialista ou socialista em vários quesitos, por ladrilhar-se com elementos contrapostos ao metabolismo burguês e que os recuos táticos, a depender do líder ou da conjuntura internacional, aproximaram-na dos formatos burgueses e, nalguns instantes, pré-capitalistas. E isso porque, do mesmo modo que incidiram revoluções dentro das revoluções, incorreram contrarrevoluções e passos atrás. Do que decorre, menos que falta de ousadia, que deve haver cautela analítica para com as experiências acumuladas e que os processos sociais podem ser vistos de um ou outro ângulo, segundo as particulares das conformações histórico-geográficas.

De uma maneira geral, podemos asseverar que as sociedades pós-capitalistas não conseguiram desvencilhar-se do trabalho abstrato, produtivista, alienado, parcelário, passivo, repetitivo, grandemente manual e executor, porque houve, nos territórios sob mandarinato soviético, priorização à industrialização extensiva (com implantação de indústrias de base e equipamentos), que subsidiaria depois – era essa a ideia – o progresso material da classe trabalhadora. Politizados, entretantes, os trabalhadores precisariam preparar-se teórica e disciplinarmente, compadecendo-se com o sacrifício individual em prol do coletivo, do presente para com o futuro. Como nunca chegava o futuro, como persistiam os boicotes internacionais e se enraizava fundo e internamente a cultura da desigualdade, como cresciam o descontentamento e a *desesperança*, ícone, como Yeltsin, no remate ao socialismo (real) soviético, Gorbachev (1987) envidou forças em torno da *perestroika* (reestruturação econômica) e da *glasnost* (transparência política). Na tática de jardinagem política, escolheu os galhos fáceis para podar e com eles fez malabares do lema

leniniano que aconselhava ao povo empenhar-se em prol do socialismo, fruindo o mínimo possível para, sobre o vindouro terreno comunista, regozijar-se da colheita. Descontextualizando a premissa, evitando as raízes daninhas e socialmente podres, Gorbachev desvirtuou a Lénin, deslembrando que a cravação da cultura da penúria, que precisava ser passageira, fora abusivamente estendida, corroendo a liga objetiva e subjetiva da revolução. A ideia seminal da transitoriedade replantava permanentemente a escassez. Não houve preocupação efetiva com a construção da antítese empírica ou com o princípio moral da revolução. E a consequência disso foi a dogmatização da cultura hierárquica e segmentadora (nas searas política, econômica, territorial etc.), que o político se eximiu de atacar, ao optar pela saída burocrática, “por cima” e com os “de cima”, sem participação popular (imitando muito da via staliniana). De tão penetrada, içou-se a cultura burocrática como melhor ardil, escolha que rendeu congratulações à direita (imperialismo ianque) e à esquerda (personagens mandelistas e pablistas, que arrimaram o *entrismo sui generis* no Terceiro Congresso da IV Internacional, em 1951, para ver a tática morrer com a Internacional, em 1953, pelo simples motivo de que o *entrismo*, vislumbrando criar meios de os trotskistas se infiltrarem nos movimentos políticos e de massas para os atrair politicamente, entrou para ficar nas estruturas burocráticas e stalinistas).

Nada mais natural, com o tempo, que o desgaste moral da população com a falta de alimentos e de bens de consumo essenciais, quando paralelamente o paiol atômico era inchado e o espaço sideral navegado, com amplas somas de excedentes sendo derramadas no ralo (pseudo)socialista dos setores improdutivos. Nem as maiores propagandas de grandeza resistiriam à ausência de pão à mesa. Notemos, a propósito, que na primeira metade da década de 1980 a economia soviética debatia-se com desinvestimentos nos setores siderúrgico, energético (produção, transmissão e gerenciamento) e agrícola (quando não estava no investimento ou na produção, a dificuldade perpassava o processamento, pela defasagem técnica e distributiva, apodrecendo os alimentos antes de chegar ao estômago do consumidor; sem contar o desastre nuclear de Chernobyl/UKR, que danificou o principal celeiro do bloco, em 1986). Como saldo negativo, a década assinalou a perda, pela URSS, da segunda posição na economia mundial, para o Japão.

Eternizou-se o molde taylor-fordista de gerenciamento do trabalho (abstrato), o mais moderno contributo tomado dos países capitalistas, transformado, ao invés de meio, em fim em si. Assim, imitando à cúpula governamental e administradora, era como se a atividade do trabalho tivesse analogamente se transformado nalgo burocracial para o obreiro: algo que se executava por dever, obrigação, imposição externa, estranha... não importando como, nem o custo.

Preso à política das consequências, voltando-se a determinadas pontas soltas dos ramalhetes sociais, a situação levou Gorbachev a parafrasear o Secretário-Geral do PCUS, Yuri Andropov (1914-1984), para quem “Um terço das horas de trabalho pagas na URSS são desperdiçadas”. Ultrapassando a ideologia da falta de iniciativa, sabotagem (para Stálin) e preguiça (para o chefe do Departamento de Construções em Chernobyl, V. T. Kzyma: “É muito difícil, e algumas vezes simplesmente impossível, demitir um trabalhador, mesmo quando ele é preguiçoso”), o desperdício roborava o desgaste da (des)organização econômica de administração burocrática (MANDEL, 1988, p. 60, 74-75, 81).

Similarmente ao que sucede às formações capitalistas, os últimos líderes soviéticos culpabilizavam os trabalhadores e a estrutura político-econômica, conduzida por e para os “de cima”. E, aleijado no interior da formação pós-capitalista, por que (ultra)abstratizado, o trabalho não logrou o impulsionar protossocialista do ser, como se revelou, além disso, tardio o tentame gorbacheviano de conduzir a economia soviética do andaime da industrialização extensiva à intensiva.

Do outro lado da fronteira, a China, apostando driblar o que percebeu como vacilo soviético na arena produtiva, vem, desde meado da década de 1970, batendo o legado maoísta, catapultando a política pragmática de desenvolvimento acelerado das forças produtivas, delineando as “quatro modernizações” para o campo e a cidade (indústria, agricultura, ciência e tecnologia e forças armadas) e se abrindo ao capital internacional (inaugurando ZEEs, seduzindo multinacionais etc.)¹⁰.

Misturando-se a ingredientes burgueses, ganhou progresso material, melhorando o nível de vida dos concidadãos, ainda que sobre o pertinaz abismo da desigualdade econômica e do descalabro ambiental, desligando-se igualmente do investimento no atributo moral e educativo. O capital internacional, com participação minoritária, recebeu guarida e o Estado onipresente flerta com a onipotência do dinheiro, intensando a corrosão da máquina com subornos e corrupção, ocasionando, conseqüentemente, maior repressão, e assim sucessivamente.

4. O quesito Estado: preço descomunal do fetiche estatal

Ao invés de fenecer com a ditadura do proletariado, que ocuparia o vazio político deixado pela tirania burguesa, robusteceu-se a força da entidade estatal controlada por estamentos perpetradores de privilégios, prestígios e benefícios de todos os tipos, salariais

¹⁰ “Abandono de princípios? Ou uma solução concreta para uma situação concreta, como gostaria de dizer Lênin?”, provoca Aarão Reis Filho (1985, p. 33).

e não-monetários. (Não é outra a justificativa à profusão de teses, sob muitos aspectos anarquistas, em torno da horizontalidade dos movimentos sociais, em decorrência da traição das lideranças socialistas.) Como os dirigentes tomaram gosto pelo poder, repudiaram o princípio estratégico da autorretirada da cena para dar lugar aos autogestores, negando-se a cruzar verticalidade e horizontalidade, autorrepresentatividade e inter-representatividade. (Com isso, o trauma da chefia deitou seus ovos, atrasando um pouco mais a teoria revolucionária e as esquerdas. O ímpeto da dogmatização da regulação fez com que vocábulos como *teoria*, *revolução* e *esquerda* fossem apagados dos projetos societais e de a *práxis revolucionária* rarefazer-se na epiderme da *cotidiana*. Boa medida dos que resistiram de pé na margem esquerda escorregaram, *a posteriori*, na fossa da ingenuidade e do romantismo.) Preponderou o monolitismo político, austero, censor, expansionista, impiedoso e burro, destacáveis nos regimes de Stálin e L. Brejnev (1906-1982).

Assim, a vanguarda, que precisaria gerir os estratos sociais e em nome deles encabeçar a revolução para, depois de materializada as primeiras etapas, negar-se a si pela autodeterminação, autogestão e autoaprendizado das massas, ceifando os frutos da nova cultura (cultivo) e do novo homem (cultivador), atribuiu-se papel inverso ao esperado. Jogou-se o desígnio socialista às traças, propriamente às da burocracia, tornada camada autônoma perante o restante do ser social, visto, este sim, em não raras temporadas, como reles apêndice metabólico. (Na atualidade, denota a gravidade da situação a reimplantação da “democratização” burguesa ou pós-socialista, assinalada pela recusa do presidente moscovita, Vladimir Putin, em abrir mão do poder, valendo-se de recursos, segundo o alarde midiático Ocidental, como burla eleitoral, perseguições e prisões. Não é novidade, porém, que os falcões estadunidenses anseiam debilitar o campo de influência russa, a começar pelo ataque ao ex-agente da KGB, fitando distender o império ianque nos vazios políticos deixados pelo bloco soviético, para deleitar-se de mercados consumidores, bacias petrolíferas etc.¹¹ Os EUA parecem reacender a política anticomunista kissingeriana esteada no final dos anos 1970, de aproximação, cercamento e asfixia do inimigo, antes do despertar das miragens ideopolíticas nos vizinhos¹².)

O Estado Operário russo, classista e revolucionário na gênese, fora traído pela burocratização, transformando-se em Estado Operário Degenerado. Os Estados Operários do Leste Europeu, gestados “de cima para baixo” e “de fora para dentro”, sem participação das massas ou processos revolucionários endógenos e voluntários, foram batizados de

¹¹ Vide a celeuma ucraniana, o golpe de Estado patrocinado pelos EUA em conluio com a ultradireita neonazista local.

¹² Atitude aparentada às concepções trumaniana e dullesiana, pela reprodução simplista da teoria mecânico-territorialista de influência por proximidade, metaforizada como efeito dominó.

Estados Operários Deformados. A revolução tornou-se contrarrevolução. A ditadura do proletariado desandou à ditadura dos burocratas. Os meios de produção, dominados pelo Estado, pertenciam, de fato, aos burocratas (confirmando o receio leniniano de a sociedade russa regressar ao modo de produção “asiático”.) Sequela disso foi a equiparação staliniana dos sindicatos a “correias de transmissão”, representativas dos interesses do alto escalão. As massas, des(re)politizadas, foram culturalizadas como gado.

Passado o vigoroso inverno capitalista, a cultura autocrática e de raiz czarista, de tal maneira, interrompeu o raiar das avermelhadas e “primaveris” estações sociais. [Aqui, desvelo é fundamental para com as terminologias *rebelião*, *primavera* e *democracia*. A “primavera de Praga”, bloqueada na Tchecoslováquia de 1968 pelas tropas soviéticas, em nada se assemelha às recentemente orquestradas na Eurásia, Oriente Médio e África do Norte, tidas como *revoluções coloridas*, *laranjas*, *de veludo* e *guarda-chuvas*. Nelas, o *marketing* oculta o afã pela privatária e pela democracia camuflada, disseminado por ONGs para solapar governanças não alinhadas a Washington, agindo como um verdadeiro manual de desestabilização nacional patroneado pela CIA, Pentágono, National Endowment for Democracy, Freedom House, Open Society e International Republican. Cresce inclusive, pouco conta se por efeito de paranoias ou lendas urbanas – que nem sempre floream no vácuo –, o número de brasileiros temerosos de a atmosfera “revolucionária” tomar o Norte do Brasil, pretextando proteger florestas e povos primitivos para infundir algum sopro de *primavera tupiniquim* que fragmente o território e as riquezas. O cenário político mundial é qualificado como o da Guerra de Quarta Geração (G4G), um dos vórtices da Nova Guerra Fria (RIBEIRO, 2016)].

Estacionado no nível estamental, o Estado pós-capitalista, sem saídas para a frente, acabou por comprovar-se retroclassista; e do soçobrar dos primários ideais socialistas do bloco euroasiático restaram brotos de consciências de soberania estatal e nacional, que lutam ferrenhamente pela sobrevivência dentro, outra vez, da estrutura metabólica burguesa.

No terreno chinês, a onipotência do Estado só compete com a do dinheiro, engordando com o matrimônio o suborno e a corrupção e, da antítese, a repressão.

Só poderia derivar do distanciamento e da alienação entre povo x governantes, nas formações capitalistas ou mesmo nalgumas pós-capitalistas, a cristalização de camadas sociais preocupadas excepcionalmente com os próprios interesses, cleptocratas, por excelência.

5. O quesito hierarquia: regeografando a segregação

Os dominadores classistas sempre preferiram o chavão de dividir para dominar¹³. Os sobrepujados, o de que a força provém da união. O fato é que a distinção intrassocial e a prescrição das normas na URSS multiplicaram a desidentidade e abateram aos referenciais socialistas, mesmo entre os tradicionais coletivos operários (*soviets*), que, desde a Revolução de Outubro de 1917, foram encarregados da gestão social, mas que, sob a direção de Stálin, perderam poder para o Estado policial.

A repetição de guerras interétnicas ajudou a esgotar o solo da multiculturalidade, adelgçando o espaço socialista com o rolo compressor da russificação (política staliniana repetida pelos líderes subsequentes, de modo a prevalecer a publicação da língua russa até onde era ela pouco falada, ao mesmo tempo em que se exportava militarmente a revolução sobre os países recém-libertos do nazismo). Denegou-se, junto a isso, a sociodiversidade, por decretos e fechamentos de templos (quase que no molde feuerbachiano de combate à religião – afora a tardia recapitulação brejneviana).

Engrossou-se o caldo apimentado da animosidade na já basta heterogênea sociedade soviética, que segregava ainda mulheres nas frentes trabalhista (jornadas mais longas e ganhos mais apertados que os dos homens) e parlamentar (minoridade contada pelos dedos de uma mão).

Vivia-se, na banda socialista, sob a autoridade de duas grandes alegações e em nome delas foram perpetrados os variegados disparates. Uma (trotskista¹⁴) primava a *internacionalização do socialismo* e a outra (stalinista) fechava com o ideário do *socialismo num só país*.

O problema foi que as anexações socioterritoriais soviéticas, comandadas por Stálin, além de valer-se de força extrema e externa para infligir a “revolução”, tracejaram geografias segmentadas, segregadas até, esquematizando polarizações política, econômica, militar e territorial.

A lógica oportunista, interesseira e alienante embrenhou-se capilarmente no metabolismo socioespacial pós-capitalista, volumando o culto ao poder e ao personalismo.

Copiando aos demais ditatorialismos, do czarista ao plutocrata burguês, ocorreu de *o centralismo democrático* metamorfosear-se em *centralismo burocrático*.

¹³ O estratagema é válido para avaliar discórdias socialista x capitalista e intersocialistas. Notemos que ao distanciamento URSS x China, em meado do séc. XX, corresponderam coligações com os EUA, como se brotasse uma (Micro)Guerra Fria Vermelha. Outro testemunho do degrau pós-capitalista.

¹⁴ A propensão internacionalista do movimento operário, escudada desde a I Internacional dirigida por Marx, visava a acompanhar o avanço monopolista e protoglobalizante do capital, notado no aliancismo bélico-militar das imperiais potências ocidentais.

6. O quesito ideologia: pendular entre imperialismo e socialismo

A exemplo da Alemanha bipartida, fora intensa a publicidade consumista e narcisista imputada aos soviéticos pelos ocidentais¹⁵. Com isso, erodiu-se pouco a pouco o espaço socialista, exatamente quandourgia a brota da estética¹⁶. Tornou-se notória a competência das imagens burguesas de infiltrar-se na sociedade, não havendo “cortina de ferro” suficientemente espessa para contê-las, nem “guerra fria” capaz de as congelar¹⁷, notadamente se as sociedades pós-capitalistas indispuerem de meios eficientes de comunicação e informação¹⁸. Errôneo o apartar ideológico entre ética e estética, como se o saciar da fome de pão pudesse vingar em mesa distinta à da beleza (RIBEIRO, 2009). A sensação da fadiga laboral aditada à incompletude cultural consente a falsas luzes a sedução das vistas fatigadas. No final, olhou-se menos para as carências internas do que para as tencionadas de fora, competindo-se por elementos que precisavam ser estudados antes de cegamente perseguidos.

Quando a desaceleração econômica acentuou-se no pós-1975, na URSS, quase nada havia de consciência política que abonasse a adesão das massas, infelizes com as falações pouco convincentes do domo burocrático. E o gangrenar da identidade base-lideranças e a piora da condição de vida dilaceraram o que restava da solidariedade e ideologia classista, enterradas junto à cova das demais ideologias. (De fato, os burocratas não conseguiram vencer a cria, e o elucida o trabalho abstrato. Quando Gorbachev propôs refutar o produtivismo desqualificado e dispendioso, no segundo meado dos anos 1980, sofreu oposição dos próprios trabalhadores, malcontentes com o rebaixamento de salários e premiações. Ao contrário da arrolada preguiça, junto à cultura do trabalho, arraigada havia pelo menos meio século, espessava o desprazimento com o *status quo*. Quis-se responsabilizar os últimos anéis da “correia de transmissão”, prejudicando outra vez aos obreiros, na labuta e na vida, ameaçando-os com o fim do direito ao pleno emprego, para isentar da teia das responsabilidades os maquinistas burocráticos do comando vertical.)

¹⁵ “Está em curso uma luta dos grandes tubarões para devorar ‘pátrias’ estrangeiras”, dizia Lênin (1916), ao tempo em que repelia aos “marxistas” (kautskistas, ministerialistas, millerandistas, bernstenianistas, plekhanovistas, oportunistas e chauvinistas) que se juntaram às burguesias pátrias em favor do imperialismo, pilhando recursos e se contrapondo às massas operárias (idem, 1908, 1983, 1988).

¹⁶ Comprova-a a mesmice, tédio, desesperança, corrupção, marginalidade, criminalidade, alcoolismo e absentecionismo trabalhista, com a piora das condições de vida em todos os segmentos soviéticos dos anos 1980. Aliás, “[...] 40 milhões de bêbados não são simplesmente 40 milhões de ‘casos psicológicos’. São 40 milhões de provas de que há problemas sociais” (MANDEL, 1988, p. 70).

¹⁷ Expressões forjadas pelo ex-primeiro-ministro inglês W. Churchill (1874-1965).

¹⁸ Cada revolução utiliza aquilo que lhe oferece o *espaço epocal*. Tão importante como a imprensa escrita a Marx e aos revolucionários do séc. XIX (*Die Neue Zeit*, *Iskra* etc.) fora a criação da *Radio Rebelde* por “Che” na Sierra Maestra de fins dos anos 1950. Hoje, a despeito da espionagem, o ciberespaço encerra função crucial ao alinhar insurrecional das massas.

Já a China pós-1970 marcha em direção específica, desenvolvendo as forças produtivas nas orlas extensiva e intensiva, abrindo as cortinas do consumo e fechando as da espionagem e sabotagem externa e interna, como veremos.

7. O quesito tático: sobrepondo a tática à estratégia¹⁹

Baralhar entre tática e estratégia. A morte de Lênin baliza o desenrolar do *immediatismo* e da *circularidade*. A tragédia abre alas à farsa (cobiça), que agencia o silenciar de vozes discordantes (exemplifica-o o assassinato de Trotsky, seus familiares e apoiadores). Tragédia e farsa formam o passadiço dos axiomas stalinianos. A consequência foi a desobrigação para com a destruição continuada e integral do complexo capitalista. (Comprova-o, próximo ao findar da URSS, o digladiar entre burocratas e pró-capitalistas pelo poder: os primeiros, para gozarem dos privilégios no interior da máquina palaciana, e os segundos, para beneficiarem-se do consórcio com os imperialistas e a restauração da propriedade privada.)

Estavam tão radicados o vício e a inércia burocráticos que Gorbachev, imitando algo de Andropov²⁰, esperava combater corrupção e “crimes econômicos” com burocracia extra, palmilhando reformas mediante decretos, repressão e punição. Enfim, pedia-se para o doente se automedicar; para a raposa vigiar o galinheiro; para os criminosos se autopurificarem pelos delitos cometidos.

Pareada à atitude brejnevista, a tergiversação gorbacheviana despontava-se burocraticamente modernizadora, mas ainda assim lenta e hesitante, no tocante ao enfrentamento das raízes mais encravadas da crise. [E não obstante Gorbachev ser reputado como o mensageiro da terceira revolução técnico-científica na União Soviética, por planejar racionalizar o investimento, computadorizar e robotizar a produção, controlar a qualidade do produto, disciplinar o manejo dos recursos técnicos e naturais e cortar a gordura trabalhista e burocrática (técnicos intermediários), cobiçando oxigenar a “democracia burocrática” e mexer pontualmente na estrutura produtiva, seu projeto não tocava no calcanhar de Aquiles da “democracia dos produtores”, abafada desde a traição aos *soviets* (MANDEL, 1988, p. 71-72, 79 *passim*)] E foi essa indecisão que garantiu vitória

¹⁹ Temos a estratégia como o plano mais amplo, continente, articulador e mobilizador de táticas que, concretizadas, servem ao objetivo-guia teleologizado. A estratégia congela, progride ou retrocede as táticas, no espaço e no tempo, combinada à conjuntura e às lutas internas à sociedade.

²⁰ Em 1983, o ex-chefe da KGB, Andropov, acionou a milícia para vigiar trabalhadores faltosos em bares, cafés e noutros espaços extrafabris (“espaços vividos”, pelos termos atuais). Imitando outra vez mais ao capitalismo ocidental, que se valeu do estratagema na primeira metade do séc. XX.

ieltsiniana, capaz de destroçar em poucos golpes o que remanesca de cortina e de ferro socialistas, pegando a quase todos de surpresa²¹.

A formação soviética implodiu. [Muitos soviétólogos, opondo-se ao retorno do capitalismo, concertaram em favor da proposta gorbacheviana de aliar povo e burocracia, pela orientação nacionalista da propriedade coletiva. Espécie de passo atrás, dentro da estratégia da reconstrução socialista, a tática, tomada por corajosa e necessária, era corriqueiramente imputada à inabilidade gerencial do político. Afinal, o que seria edificado politicamente no lugar do desconstruído? Como, onde e em que medida seriam misturadas as forças coletivas, públicas e privadas? Onde saltar o gueto aliancista das classes, marcado pelo economicismo (proudhoniano) que a muitos seduz desde a I Internacional (1864-76), a aglomerar posições economistas, bundistas, antiautoritaristas, marxistas-legais e menchevistas? Donde diferiria do fatalismo, reformismo e evolucionismo (bernsteaniano, neokantiano, neo-humanista, neoberkeliano) potentíssimos na II Internacional (estendida de 1889-1914/16 e restaurada com traço reformista, em 1923), que assinava a saída da crise por dentro do próprio capitalismo, com o contributo dos trustes e cartéis? Como impedir que a história se cravasse farsa e que naufragos se vislumbrassem barqueiros?] Triunfou o capitalismo.

A China, por outro lado, faz economicamente o que a URSS não teve tempo, interesse ou habilidade e se converte, momentaneamente, na segunda potência mundial sem, todavia, alterar os distúrbios da hierarquização e segregação intrassocial, que consumiram internamente a ditadura soviética dos burocratas.

8. O quesito estratégia: cerrando horizontes

Com a esquiva da rota socialista pela estatocracia pós-capitalista, a dialética sumiu na cartilha do (anti)marxismo estruturalista staliniano²².

Conservadas à distância, as massas soviéticas viviam um estado de ostracismo social²³. A intelectualidade, como a vanguarda, foi menosprezada e os opositores caçados pelo mundo. A sociedade “socialista” real, ou o sistema de capital pós-capitalista, nesse ínterim, derrubou alguns dos antigos para soerguer muros novos, tapando os olhos ao fato de o capital só poder conhecer a aniquilação como totalidade histórico-geográfica,

²¹ A ruptura do espaço socialista preocupou, num primeiro instante, ao próprio G. H. W. Bush (1924-), receoso de a descentralização política fissurar o comando sobre o arsenal nuclear, ascendendo as massas etc.

²² Stálin desdenhou a recomendação de Lênin (1988, p. 18), de fazer “[...] acordos para realizar os objetivos práticos do movimento, mas não cheguem ao ponto de fazer comércio dos princípios, nem façam ‘concessões’ teóricas”.

²³ É comum ouvir das autoridades pós-capitalistas a necessidade de realização de lutas contra a burocracia e a corrupção de membros que incrementam, de dentro dos aparatos militar e estatal-partidário, a fortuna pessoal, agindo em prol do capitalismo. “Revoluções de saliva”, o que praticam. Cleptocratas, o que são.

mediante revoluções radicais e permanentes que ataquem as forças internas para, complacente, ocupar originais e estratégicos espaços. Por esse motivo, não obstante o louvado papel cumprido nas sociedades agrárias, as revoluções “socialistas” não desabrocharam em períodos propícios, em condições imprescindíveis de *crises econômica, social e política* (LEFEBVRE, 1981). Para ser concretizada, a ruptura não depende somente da vontade subjetiva, como aspiram os alquimistas da revolução e certo naipe de voluntaristas.

A inabilidade da leitura da totalidade interfere na práxis. O projeto de longo prazo é desvencilhado das medidas imediatas. Resultado: o econômico sucumbe ao economicismo e a política, como estratégia praxista revolucionária, enclausura-se na jaula no politicismo oficial, fulgurada como tática do possível. [A história ensina, ou deveria... Os magnetizados pelo oportunismo da “política das possibilidades”, os broussistas, capitaneados por B. Melon e P. Brousse, também chamados de “possibilistas” por Guesde nos anos 1980, na França, já primavam o abandono da luta revolucionária, a pactuação classista, o espontaneísmo, gradualismo e evolucionismo. (Não é preciso muito esforço para percebemos parecenças entre o possibilismo político antirrevolucionário com a corrente teórica homônima na geografia francesa de então, sabidamente imperialista). O pendular entre avanço e recuo não ocorre só nos espaços pós-capitalistas (onde o *entrismo* foi eleito para afrontar ao capitalismo), como nos espaços das hodiernas “democracias” burguesas (onde o medo agrilhoa o povo a “esquerdas” velhas e enferrujadas, porta-vozes de enferrujados *entrismos*, o que pode levar à bipartidarização da política oficial, entre extrema direita e “centro-esquerda”). A dialética é vital à evitação do dualismo no estudo da relação tática-estratégia. O pavor nunca conseguirá sustentar-se longamente como discurso “do possível”. As massas, que sobreviveram à escatologia do holocausto nuclear e aos assassinatos de suas fileiras, de militantes a intelectuais e ideais, resistem aos centrismos e etapismos das renovadas e stalinistas “esquerdas” centristas. Logo, o novo até já pode existir, se pensarmos no enunciado trotskiano, de que “Es cierto que en el curso de una revolución [...] un partido débil puede convertirse en un partido poderoso, con la única condición de que comprenda con lucidez el curso de la revolución y de que posea cuadros probados que no se dejen exaltar por las palabras o aterrorizar por la represión. Pero es necesario que un partido de estas condiciones exista desde mucho antes de la revolución en la medida en que el proceso de formación de cuadros exige plazos considerables y que la revolución no deja tiempo para ello” (TROTSKY, 2006, p. 181-182).]

9. A persistência da unidade de diversidade adversas: dissensões e convergências intramundanas

A catarse revolucionária exige pensares totalizantes. Nunca conveio, empiricamente, à guisa de exemplo, a teoria trimundista. Não passa ela de metageografia idealista. É o mundo uma unidade de diversidades, de construções empíricas e imateriais as mais diversas e adversas²⁴.

Embora, apesar disso, Kurz tenha alguma razão quando diz que o “segundo mundo” sentiu o que o “terceiro” experienciara antes, no respeitante ao avanço diferencial da crise capitalista segundo o lastro da economia espacial, há que se ter cuidado com a dogmatização da ideia da hierarquia dos “blocos”. [Importante frisar que ninguém nega que a dialética desigual e combinada, que habita a relação entre os países, manifeste-se no âmbito dos blocos (capitalistas e pós-capitalistas). Nalguns momentos afirmou-se até que o “segundo mundo” oferecia melhor qualidade de vida que o “primeiro”, como propagandeou Nikita Krushev (1894-1971) sobre os anos dourados soviéticos no pré-1970. Há que ser recordado apenas que a condição socioeconômica intrabloco não era homogênea, persistindo níveis verticais e horizontais de hegemonia e segregação (entre os países mais e menos avançados). A crise estrutural e sistêmica do capital não se restringiu ao “mundo” burguês e alcançou a todos os metabolismos serpejados pelo capital, contribuindo com o esfarelar do campo soviético e o sentenciar prematuro e desejoso, qual efeito dominó, da queda de Cuba (incapacitada de receber auxílio soviético). Incidiu a falha da celeridade que viaja com o idealismo teleológico. Bem pior do fizera Fidel Castro, que universalizou o vaticínio de que o capitalismo financeiro exportaria a revolução (BETING, 1985). Pior também que o alemão Mandel e o grego M. Pablo, os quais, convencidos da defasagem da proposição do *socialismo num só país*, arrastados pelos ventos da Guerra Fria, do burocratismo e pela biografia de Stálin, escrita por Deutscher, lucubram sobre a combinação entre Guerra-Revolução (acreditando que os períodos pós-guerras, pelo enfraquecimento das camadas dirigentes e poderosas nacionais, se anunciariam favoráveis ao levante revolucionário²⁵). Perante a assunção de a ordem provir do caos, atômico inclusive, a classe trabalhadora, arrefecida, era novamente secundada e a burocracia alçada às alturas. Posição pacifista absorvida depois por Gorbachev (1987), quando já havia sido revista por Mandel, que revalorizou o poder catártico das massas. (Pertinente esclarecer que a discussão não se circunscreve ao intelectual em si, cuja trajetória, crítica e

²⁴ Talvez isto explique, em parte, porque “Até agora, não soubemos organizar campanhas de denúncias suficientemente amplas, ruidosas e rápidas contra todas essas infâmias; a culpa é nossa, de nosso atraso em relação ao movimento das massas” (LÊNIN, 1988, p. 56).

²⁵ Ideia exposta, entre outros, por Mao (TSÉ-TUNG, 2003, p. 59).

sincera, se mantém longe da linearidade, antes aludindo às “escolas” que “formam” gerações de militantes, em benefício ou prejuízo das revoluções.)] A cissura teórico-conceitual pode cimentar pensamentos estruturalistas, abreviando o vislumbre do contorno todo da rede das relações socioeconômicas, hipercomplexificadas com a globali(tari)zação do econômico.

Quiçá o fenômeno da “aceleração contemporânea”, a que se reportou M. Santos, tenha surtido efeito também nas sociedades stalinizadas, pois sabemos que nelas foram priorizadas as *corridas militar*²⁶, *espacial* e *por medalhas*²⁷, ao invés da necessária maratona revolucionária (intelectual e praxista), o que entorpeceu ao ser com cientificismos tecnológicos, pragmáticos e instrumentalistas.

Eis o risco que cerca o plagiar das políticas errantes burguesas pelas sociedades transitivas, acaso primado o trabalho manual ao intelectual e abstrato ao concreto, marginalizando a faculdade da crítica. O espessar das sombras do boicote e da conspiração, como a ação pressurosa e mecânica, esconde a escada espiralada das possibilidades. [Argumenta-se, ademais, que o pavor pelo retrocesso justifica os descabros em nome do povo e da revolução, por parte dos que se transfiguraram contrarrevolucionários. O temor metamorfoseia-se em obsessão, caça de tudo e de todos os divergentes. Confunde-se liberdade de pensamento e expressão (espinha dorsal do socialismo) com agitação, espionagem, crime e terrorismo. É legítima a necessidade de precaução, quer para evitar aventureirismo, quer para coibir que revisionistas, reformistas e colaboracionistas se escondam por detrás da “liberdade de crítica”, em proveito da contrarrevolução (a exemplo dos jauresistas da passagem do séc. XIX ao XX na França, ou do Partido Trabalhista Independente inglês, fundado em 1893, bem mais “independente” dos socialistas que do “liberalismo”, por retardar a constituição da IV Internacional, contra o burocratismo stalinista). Preciso separar joio de trigo, para, de acordo com Lênin (1988, p. 89), “combater ao joio”. Cogita-se que a gangorra entre perigo e paranoia foi a responsável pelo atraso soviético nas áreas da microeletrônica, comunicação e tecnologia da informação, pela insegurança do Partido. Hoje, as economias pós-capitalistas, orientais sobretudo, desenvolvem meios de obstruir conteúdos contrarrevolucionários). No fim, o *povo Um*, reportado por C. Lefort (1924-2010), ressurge na quadra pós-capitalista, avesso à discordância e à heterogeneidade. Ao lado da fobia pelo diverso e da mania obsessiva pela

²⁶ O afã produtivista chegou ao setor bélico. Nos anos 1980, em plena Guerra Fria, a URSS ultrapassou as potências da OTAN no número de armamentos, sem igualar-se na tecnologia. A bem da verdade, ela mordida a isca ianque da competitividade, erodindo os minguados recursos.

²⁷ Denunciou-se que equipes olímpicas, inclusive da URSS, incitavam atletas a doping e a gravidez induzida, para aumentar o rendimento nas competições olímpicas (equiparando-se imoralmente aos adversários políticos, ao impor quantidade sobre qualidade, fetiches sobre realidades, morte à vida).

perseguição, desfila a vaidade de grupelhos (pseudo)vanguardistas que autoafirmam a crença teórica para, à distância, detrair, como discursos, posições destoantes. (Quaisquer parecenças com o stalinismo não devem ser tomadas por coincidência, pois vem de tempos a prática da queima do “outro” com as chamas da fogueira real e difamatória.)]

O círculo antidialético e antimetódico stalinista afugentou a práxis dos socialismos insinuantes e porvindouros (como se o movimento alcançado já figurasse como o melhor imaginável – pelo menos essa foi uma das justificativas ao afastamento da China do bloco chefiado pelo Kremlin²⁸).

A ausência de debate no bloco pós-capitalista estancou a imaginação, aproximando as lideranças do ceticismo e da “política do possível”.

Burocratas e estatocratas só avistam a reprodução de *status* e privilégios.

Ao desenvolvimento desigual e combinado das espacialidades burguesas pulsava, latente, alguma modalidade de desenvolvimento divergente e descombinado entre sociedades pós-capitalistas (ou protossocialistas, em singulares momento). [Majoraram tanto a decepção e a discórdia entre os modelos soviético e chinês que a Rússia, à altura do embate sino-indiano, negando-se a auxiliar a parceira, viu subir o descontento para com os acordos assinados com Stálin, beirando as nações a zona do conflito (houve pequenos combates no nordeste da Manchúria, próximas ao rio Ussuri, em 1969). Os países protagonizaram não só a primeira negativa de que se tem notícia de socorro militar entre consortes socialistas, como quase deflagraram a guerra entre si. À atitude de Moscou, Pequim respondia com igual tom, repelindo a assinatura do Pacto de Varsóvia. A omissão no combate à disparidade social contribuiu para que o desenvolvimento desigual ameaçasse a coesão espacial, em termos intersocialistas e intrassocialistas (como sucedeu com o povo russo, sujeitado a produtos e serviços médico-hospitalares e educacionais de baixa qualidade, nos anos 1980, conquanto largueasse o poço dos privilegiados burocratas, cujas famílias gozavam de melhores acomodações e tratamentos hospitalares, escolas para superdotados, bons restaurantes, casas de veraneio etc.; distinção que também grassa entre os chineses). De perfil autoritarista, o “socialismo” assentava dissensões. Um dos motivos para Moscou priorizar o COMECON, no pós-II GM, ansiando fazer frente ao Plano Marshall e elevar a satisfação dos povos amigos, para minimizar desavenças internas e flertes com o orbe burguês. O fato é que a traição aos princípios socialistas, a despeito do prestígio oriundo da vitória sobre o nazifascismo, pelo enviesar militarista e expansionista

²⁸ A cizânia entre Mao (1893-1976) e Stálin (em especial pela postura desdenhadora e interesseira dispensada pelo russo às demais nações socialistas, como sentia Mao) repetiu-se com Krushev (que se compadreceva, sob a desaprovação do chinês, com o governo norte-americano, em nome da paz).

da “revolução”, acabou por despertar contra si o descrédito das massas. Ademais, a ajuda de Moscou aos aliados foi menos pródiga que a dos norte-americanos, não alcançandopear a desarmonia interna ao bloco (e que abatia aos “países satélites”, como eram designadas as nações que orbitavam a Rússia)].

Passou despercebido que “O socialismo não vem para ficar, ele vem para se extinguir, porque o objetivo não é criar uma sociedade socialista, mas chegar ao comunismo [...]. É a revolução dentro da revolução, no seu pico mais alto” (FERNANDES, 1995, p. 69). Alastrada sobre o Leste Europeu, a revolução criou partidos únicos que de socialistas ou anarquistas só tinham o nome. A menos que sob aprovação popular, a qual a reconheça como um evento de libertação, a revolução não deve ser imposta de fora e nem de cima, pois, “Se ela não atinge as cabeças e os corações dos seres humanos, ela oscila e se aniquila” (FERNANDES, 1995, p. 207-208).

A despeito das conquistas socioeconômicas, a invasão militarizada instituía mais barreiras (muros) psicossociais e aversão ao socialismo que progresso material e imaterial (desalienação, repolitização) do *novo homem*.

Outrossim, o valor tem papel essencial no processo, vez que dá cara ao trabalho que engrena a sociedade em certa direção, manejando a espacialidade. Por isso, ao desenvolvimento material deve seguir o “espiritual”, porque o capital não é apenas um fator, mas um tanque de relações que transborda pelos dutos de sociabilidade para entorpecê-la com as toxinas egoística, hierárquica e narcisista do *ter*²⁹. Eis a razão da acalorada polêmica havida entre o Ernesto “Che” Guevara (1928-1967) e o francês Charles Bettelheim (1913-2006) sobre os destinos das economias socialistas no século XX, propriamente sobre os temários do estímulo³⁰ e da reestruturação das empresas. [À frente da economia cubana, Guevara (1991) propunha a transferência de recursos de uma para outra empresa, tanto para evitar a estagnação como a superacumulação, a fim de aquecer as redomas econômicas de maneira interdependente. Acreditava ele que o desenvolvimento duma nova cultura, do trabalho e mais geral, progrediria as relações de produção para, numa relação dialética, dinamizar o planejamento científico da sociedade. Bettelheim era de opinião avessa, arguindo que os esforços tinham de ser direcionados

²⁹ A solidariedade transparece como o pano de fundo das relações socialistas (como auxílios financeiros e comercial, baixos preços preferenciais etc.). Mas o esquema do fortalecimento das relações estratégicas não deve ser visto como exclusiva manobra socialista, de vez que os subsídios fazem parte do planejamento das economias capitalistas (contra rivais burguesas e pós-burguesas).

³⁰ Che apostava que as recompensas para os trabalhadores deveriam possuir conteúdo mais simbólico do que material, para os resultados dos valores não se desviarem do projeto do *novo homem*. Pensamos que o argentino levou a cabo a ideia da correspondência dialética entre materialidade e imaterialidade, por Marx enaltecida no que tange à cultura grega.

primariamente à desenvolvimento das forças produtivas. A contribuição de Che sobre o poder da inventividade, solidariedade e subjetividade da nova cultura é muito mais arguta (inclusive por colaborar com a internacionalização da luta armada e do socorro humanitário na área médico-sanitária). Comprovam-no as ofensivas do império (EUA) nos âmbitos econômico (embargo) e político cubanos (expulsão do país da OEA três anos após o êxito revolucionário.)]

A questão pelo Che recuperada é artefato de coligação do indivíduo com o coletivo em moldes totalmente novos, desapegos das culturas individualistas burguesa (em meio à qual o sujeito comparece como uma quase objetividade natural) e pós-burguesa (repetida no *culto da personalidade*). (Não existiriam, no entanto, parecenças entre a tese bettelheimiana e a via chinesa em curso na contemporaneidade?)

Há séculos, o debate contrapõe a marxistas, ideólogos burgueses e teóricos de correntes afins. A totalidade está na ribalta da trama dialógica e, nela, a importância da discussão sobre o Homem (como *está o ser*). Não é largo o fosso entre o individualismo idealista (de La Rochefoucauld, Bauer e Stirner, para quem os sentimentos tendem ao individualismo e a preocupações privadas) e a sanguinolência “canídea” (hobbesiana, para a qual o homem é “mal” e “lobo” de si), reiterados pelo cristianismo e pessimismo modernos com um toque samaritano. Noutra vértice, no alto das edificações idealísticas, estão os que congregam os méritos particulares com os coletivos no complexo capitalista (como Jeremy Bentham [1748-1832]). O que as acrobacias sofisticadas não conseguem negar é que o indivíduo isolado, com pretensões privadas, é criatura burguesa do século XVIII, já que até então fora sempre compreendido como integrante de um todo (família, tribo, comunidade natural etc.).

O ponto nevrálgico da questão é que é impossível ao indivíduo, em meio à estrutura desigual e à teia de fetiches, desabotoar-se sob formas plenas. Nem “bom” (como prognosticaram Rousseau, Montaigne e Rabelais), nem “mau” (como afiançaram Maquiavel, Hobbes e Voltaire). O homem apresenta-se como mistura de possibilidades; algumas reais, a maioria alienante.

Por conseguinte, a problematização proposta por Guevara toca na dialética das forças produtivas/relações de produção, unificando à questão da planificação econômica o desenvolvimento moral ou psíquico-cultural, como mão dupla da conectividade da individualidade-coletividade.

Outros temários ganharam destaque... A competitividade econômica entre o metabolismo burguês e o pós-capitalista é um deles, por contaminar a ecologia.

Não supõe novidade que os danos ambientais escoraram o surto (pseudo/neo)desenvolvimentista, que deixou cicatrizes nas populações soviéticas, especialmente as locadas junto a conglomerados industriais, mares e fontes minerais³¹. Muito mais do que estágio de “sacrifício” para a colheita dos frutos vindouros, a (des)planificação ecológica passeou solta, desligada de qualquer projeto incorporador da criatividade dos trabalhadores. Tanto que hoje, ironicamente, é o capitalismo, sob o paradigma toyotista, que investe na absorção da capacidade intelectual e pragmática dos obreiros, quando seria bastante razoável esperar que inovações germinassem no terreno do mundo do trabalho socialista. Formas alternativas de geração e controle do consumo de energia deveriam ser esquadrihadas pelas sociedades automeadas socialistas, vigiando a qualidade do progresso socioecológico. Em nada contribuiu a atitude xerocopiadora dos soviéticos em relação aos capitalistas e nem a pactuação tácita com a *aceleração climática global*³².

Observemos, atualmente, a repetição da farsa nos Relatórios do Banco Mundial, que certificam que grande parte das cidades mais poluídas no mundo é chinesa. Poluição estendida ao Japão, às Coreias e nações adjacentes, pela mobilidade atmosférica.

Tratemos agora do elemento (multi)evolutivo do modo de produção – que nem Marx se aventurou a esboçar – e verticalizemos sobre o desdobrar pós-capitalista chinês.

Na concepção marxiana, o capitalismo deve ser alteado ao ápice da maturação, para que miséria e escassez não correspondam às únicas coisas socializáveis. Na prática, o problema foi ansiar que a socialização dos sobreprodutos sucedessem em regimes pós-capitalistas sem o revolucionamento permanente do complexo social, destruindo a sua diabólica trindade, a qual nada menos é que parte substancial e integrante da totalidade, que, como tal, não pode ser desfeita pelo definhamento de uma das hastes (capital/Estado/trabalho abstrato). Numa relação dialética, interinfluenciam-se os elementos e a ruína de um não desrealiza a continuação do conteúdo no outro, para o seu recompor mútuo.

Vitorioso, o capital imiscui-se nas reservas de mão de obra e nos mercados de consumo abertos pela globalização, nas economias planificadas de capital pós-capitalista e nas enshoreadas pelo complexo burguês.

³¹ Mesmo quando substancial, o “desenvolvimento” (crescimento econômico) não foi acompanhado pela cautela ambiental. Resultado: poluição (grandes volumes de dióxido de enxofre e elementos perigosos – nuclear por exemplo – lançados, sem esgotamento ou tratamento, nos solos e águas dos mares Negro, Báltico, Cáspio, Aral e Baikal, lago com o maior volume de água potável da Eurásia).

³² Contornemos a polêmica ontogenética (se a aceleração climática é cria do transe natural do planeta ou efeito da produção destrutiva) e foquemos o fato de a *aceleração climática global*, sem negar a conteúdos mutagênicos, trazer no bojo a *reglobalização social do clima natural global* (RIBEIRO, 2006, p. 13). Sobre a lógica destrutiva do *oikos*: GONÇALVES; IKUTA; RIBEIRO, 2016.

Outros mais, além disso, confiam na existência embrionária de “socialismos possíveis” ou “socialismos reais”, tidos como estágios de aprendizado a novas formas de manifestação do capital³³, nos quais o socialismo real, opostamente à cogitação burguesa, se projeta no horizonte como multicoloridas partições. No calor das discrepantes visões quanto à desenvolvimento, o país sob revolução inscreve na história o seu ponto de vista sobre o problema e a solução civilizacional. E sabemos que todo ponto de vista representa a vista a partir de um ponto (na literatura, titulado de *mirante*, *espacialidade* etc.). Por isso, várias nações que experienciaram revoluções ou ficaram no patamar inferior (agrário e semi-industrial, sem lograr socializar expressivas riquezas) ou tiveram de se submeter a relações mais lascivas com o capital.

O arquétipo chinês é emblemático, por despír a relação entre feitiço e feiticeiro. Atinemos que, aliado à tenção pela multipolarização político-econômica global, tão logo concedera a menção de “economia de mercado”³⁴, pesou sobre o Brasil o sopro do fogo concorrencial do dragão, a ponto de ter de abrigar-se atrás do escudo das barreiras comerciais. Nessa, como noutras áreas, a China terá de mostrar a cara inteira da sua geografia: esquivar-se do molde imperial nucleado no crescimento economicista à custa de tudo e de todos, ou buscar paragens menos frequentadas às relações internacionais (vantajosas não só aos conterrâneos – se isso for possível –, qual *Chinese way of life*).

Conservando a política pacifista, o dragão embolsa posições ante as economias norte-americana e europeia, realizando patrocínios, conforme a mídia, a governos de esquerda pelo mundo, concomitantemente ao estreitar dos laços com nações “socialistas” (como Cuba e Venezuela) e ex-pós-capitalistas (como Rússia – nos aspectos científico e militar). [Oportuno reforçar, entretanto, que a tensão regional assume-se momentânea, por não terem sido tomadas por parte do governo chinês ações incisivas contra Taiwan, embora, na prédica, as intimidações se repitam ao léu (instabilidade originada da ocupação de Taiwan pelos membros do movimento nacionalista de direita MKT, que, confrontando o PCC de Mao, para lá foram exilados no pós-II GM). A expansão econômica do dragão continental atea fogo no mar territorial (pelos animais, petróleo e riquezas submersas) intranquilizando ao Japão e, por extensão, aos norte-americanos e a nações limítrofes. Sem contar a querela tibetana, que reacende a fogueira da discordância com a Índia, no teto do mundo. O futuro mostrará o pender da balança bélico-industrial chinesa (se

³³ A lista dos países que conheceram o socialismo real, até os anos 1990, sobretudo, inclui Cuba, China, Coreia do Norte e países do leste europeu, como Hungria, Bulgária, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Albânia, Polônia, Romênia e Alemanha Oriental, entre outros, de vários cantos do globo. Atualmente, a tabela do (pro)socialismo (“de mercado”, que seja) incorpora ao menos Vietnã e Laos.

³⁴ Parcela substantiva dos economistas repudia essa posição. Para eles, a sociedade e a economia chinesas estão longe de serem governadas pela lei do valor, resistindo curvar-se à cartilha neoliberal.

exportará as mercadorias da morte para longe ou as acionará regionalmente) e o que efetivamente de socialista (ou pós-capitalista) ela conservará.]

Internamente, a notícia é de que a China promove debates para amplificar aprendizados e apear pequenos desvios na alameda socioeconômica, combatendo a corrupção entre a burocracia e a expansão desgovernada do dinheiro e da força do mercado, de modo a conservar a resistência do público ao privado.

Para Theuret (2005, p. 54), “A China atual se considera apenas na primeira etapa da construção do socialismo, que deve durar uns 100 anos!”.

De acordo com o jornal do Exército Popular de Libertação,

[...] a realização do comunismo é um processo histórico que se desenvolve de maneira não-linear. O desenvolvimento da sociedade humana sempre avançou por espirais e ondas. Nós devemos forjar um ideal de uma luta de longo fôlego e realizar uma boa luta ideológica para enfrentar todas as formas de dificuldades e de fracassos. Se a causa comunista internacional continuar sofrendo fracassos, devemos nos manter prudentes nos momentos de perigo e sempre manter a convicção de que o socialismo triunfará e que o comunismo, com certeza, prevalecerá. (apud THEURET, 2005, p. 59).

Se a multipolarização seguir seu curso nesta primeira metade de século, comportará a redivisão do mapa internacional (“socialismo” x capitalismo), deslocando o eixo econômico do Ocidente para o Oriente, pelo peso dos chineses, japoneses e indianos, na economia global. Contrabalançar geopolítico que tornará o comando mais difuso em nível interestatal (projeção propalada por certos regulacionistas, incapaz de vaticinar que aquela parte do mundo, como os BRICS, venha a experimentar crescimento ininterrupto, por longas décadas, surfando na crista doutra onda longa.)

No Ocidente, há os que avisam, como o faz o porta-voz do Pentágono, Thomas Barnett, que China e EUA conservarão boas relações diplomáticas, pelo dinamismo econômico comum a ambos e pela carência chinesa por recursos naturais³⁵. Barnett, nisso baseado, deprecia a ideia de vivenciarmos “uma nova guerra fria³⁶ [...]. Apenas alguns idiotas em altas esferas [...] ainda sonham com esse *nonsense*”³⁷ (EXPEDITO FILHO, 2004, p. 41).

³⁵ A leitura das mensagens não é inútil, sejam elas reais, sejam inventadas, tentando transmitir pânico e conformismo. Ao oposto do que pensou Gorbachev (1987) sobre a era atômica, substituí ainda a arma da política a política da arma. Estão os jogadores acostumados a flertar e a arriscar (bem o sabe o Japão).

³⁶ Entendemos que a Primeira Guerra Fria (PGF) descendeu do antagonismo entre socialismo x capitalismo, nos anos de 1945-91 (coincidindo com o desmembrar da URSS) e remetia às guerras indiretas entre os blocos, entre as nações-peões. Já a Segunda Guerra Fria (SGF) ergueu-se como subproduto do capitalismo, ficando no patamar interestatal, de que serve de exemplo a ambição estadunidense de subtrair a soberania russa. (Vale dizer que existem outras classificações, como a que considera a polarização entre URSS x EUA a mãe de duas Guerras Frias, sendo a SGF a que cobriu os anos 1979-85, atinente à retomada das hostilidades, tão logo terminada a Distensão, ou seja, a política da escalada bélica.)

³⁷ Entre os “idiotas” está o Papa, que reconheceu o encorpar da III GM e visualizou o nexos absurdo no aparente caos social, pelo xadrez geopolítico perfilhar o movimento de territórios que, muitas vezes, não cumprem outra função que a de países-peões.

Há que serem ressaltados, porém, os indícios de aparições de lutas socialistas substancialmente diversas neste primeiro meio século, e que a multiplicação do antagonismo, a contar pela intensificação e extensificação da recessão, advirá também da incompetência do capital para se auto(re)estruturar (o que vinha conseguindo pelo incremento geográfico, que alguns sinonimizam à metabolização de espaços não capitalistas pelo organismo burguês).

A história (como a geografia) não é fruto do desejo e representação, como apregoam filósofos idealistas (aos quais a mudança deriva da ideia) e pragmáticos (alquimistas revolucionários que profetizam a vontade como *élan* da mutação).

O *vir a ser geográfico*, sob muitos sentidos, *está aí*, engravidado pelos antagonismos das (proto)contraterritorialidades³⁸.

A totalidade (totalitária) capitalista abriga forças anticapitalistas, as quais almejam a constituição de altertotalidades do diverso, a partir das heterogeneidades interdependentes, que abroham e desvanecem dia após dia como heterotopias e contraespacialidades, com as quais serão forradas as geografias do amanhã³⁹.

Dialeticamente, a geografia da ruptura é movimento racionalmente governado e substância protoconcretizável, como, nalguns momentos embrionários, parto da indignação e da rebeldia em estado puro.

A universalidade intramundana dos antagonismos é que precisará ocupar, para desfazer, os territórios do capital, projetando-se em escala transnacional, de maneira condescendente.

10. Considerações finais

Não pode ser apagada a *utopia concreta* que iluminará as *formações socioespaciais alternativas* do século XXI, condignas com as premências do novo homem, suplantadoras da exclusão multidimensional (ecológica etc.).

Ciente das *geografias* sociais, dos marcos e marcas instituídos pelas sociedades, a economia política espacial do capital só poderá ser extrapolada pelo afrente radical da economia política e espacial da classe trabalhadora.

³⁸ Consideramos como busca por contraterritorialidades porque, ao oposto dos culturalistas, desacreditamos que as forças da dissensão sejam, já, vastas e intensas. A relação é social, mas, para usarmos termos gramscianos, não é hegemônica e, por isso, muitas vezes, fica no plano mais terrenal do que territorialista, elevando-se, no limite, como dinâmicas protocontraterritoriais.

³⁹ Já deve ter ficado claro que o espaço – contrariamente aos fundadores da ciência geográfica de fins do séc. XIX – temos por algo superior a solo, chão e território. Temo-lo como o conteúdo do ser geográfico, que, obviamente, se revela na epiderme paisagística, como *formas espaciais*, reificadas de maneira inocente ou alienada. Razão da expansão das espacialidades subterrâneas, marítimas e aéreas no globo terráqueo, como no horizonte extraterreno, com o entremear do espaço social ao sideral.

A escavação teórica das espacialidades recentes e das que se armam presentemente coopera à afinação das vistas.

Aos que recusam a ideologia da eternidade do regime capitalista, a “dica” de que a derrocada não implica impedimento à cristalização, como passo atrás, de regimes globais de capital pós-capitalista também autocráticos. Em muitos aspectos, não acrescentam mais que o rejuvenescer de conteúdos hierárquicos.

Não deve a espiral improvisar-se em círculo, mesmo que em andar econômico sutilmente elevado. Há risco de o comedimento político confundir-se com etapismo e de o passo avante decair na estagnação. Além dos desacertos internos, há os que derivam do cabo de guerra com as forças contrarrevolucionárias, as quais, abastecidas pela ideologia da desideologização, de um lado, avigorarão o neoliberalismo e o fim das fronteiras nacionais para (re)globalitarizar a cultura imperialista (notadamente, por ora, a estadunidense, morada espacial nuclear do viajante e vagabundo capital rentista), de outro lado, a cultura alienante que afia, ao mesmo tempo em que amadrinha, a despatriotização política e a desestatização econômica, as garras da guerra, da fome, miséria e falta de tudo, de futuro inclusive.

Premente investigar a ontologia das revoluções geográficas⁴⁰.

Como a extrapolação dos antagonismos, sentidos em sua maior altitude, acometeu a espaços periféricos, jogando-os a aventuras e desventuras revolucionárias (antes que as nações ricas se postassem, assegurou Marx, como epicentros da metamorfose), na sequência do processo de aceleração da história e saltar de etapas, atinamos o abrandamento das energias e o arredamento do primitivo momento redentor (abatedor da miséria e opressão). O que se viu a partir daí foi a transição socialista estacionar na oficina da burocracia e do servilismo mercantil, desculpada pela correspondente desenvolvimento nas forças produtivas.

Eis o dilema da periferia: amparar-se na intensidade das contradições para encampar revoluções que ajam, inclusive, como tonificantes às classes trabalhadoras nas nações centrais, sem descuidar dos limites postos ao “socialismo real” satelital que precisa, se porventura esgotado, aprender a conviver com ingredientes burgueses para redinamizar a sociedade⁴¹. Até que o capitalismo fatigue, esta é a esperança, a potencialidade (re)criativa no centro.

⁴⁰ Cada país detém especificidades, não desconectadas das tramas e dos universais político-econômicos. A extrema penúria já foi acolhida como parteira da revolução. A guerra internacional também, até mesmo pelo xeque nuclear, de cujas cinzas se ergueria a fênix socialista... Não existem cartilhas prontas (ou não devem, pelo menos). Isso é bom.

⁴¹ O problema ronda os mecanismos usados para atingir o comunismo. Vitais para a sociedade não estancar, os meios (dinheiro, técnicos, normas etc.) podem desenvolver conotações autonomistas e alienadas (condensando os estratos dos endinheirados, tecnocratas, burocratas etc.).

É preciso saber a hora e o local para acelerar e retardar o movimento, beirar e distar de espaços adversários...

O gigante vermelho recém-desperto pode engatinhar acreditando-se nação, mas só caminhará verdadeiramente se se decidir, por intermédio de revoluções políticas, num primeiro momento, como *Estado da Classe Trabalhadora* (proletarizada, precarizada, escravizada etc.) porque, num segundo momento, precisará transnacionalizar-se sem as taras e os ranços do pós-capitalismo, caracterizado pelo autoritarismo burocrático e apeado das massas.

Prevalecendo descrédito e sabotagem quanto à capacidade de autodeterminação dos trabalhadores, matar-se-á a revolução no ninho, de covardia e inanição.

Referências bibliográficas

AARÃO REIS FILHO, Daniel. China e modernização. **Revista Lua Nova**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 32-37, 1985. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000300009. Acesso em: 10/3/2016.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

BETING, Joelmir. **Os juros subversivos**. 5^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
DEL ROIO, Marcos. Lênin e a transição socialista. **Revista Lutas & Resistências**, Londrina, v. 2, n. 3, p. 67-82, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/revista3aedicao/lr3-6-delroio.pdf>. Acesso em: 6/2/2016.

EXPEDITO FILHO. O profeta do império. **Revista Época**, São Paulo: Globo, n. 345, p. 40-42, dez. 2004. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/o,,EDR68161-6060,00.html>. Acesso em: 10/2/2016.

FERNANDES, Florestan. **Em busca do socialismo**: últimos escritos & outros textos. São Paulo: Xamã, 1995.

GONÇALVES, Marcelino de; IKUTA, Flávia Akemi; RIBEIRO, Júlio César. Sepultados vivos: antagonismos e brechas socioambientais para os trabalhadores catadores perante a produção destrutiva global do capital. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente: CEGeT/UNESP, v. 17, n. 1, p. 124-142, jul. 2016. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/4359/3429>. Acesso em: 12/10/2016.

GORBACHEV, Mickail Sergeevich. **Perestroika**: novas idéias para o meu país e o mundo. São Paulo: Best Seller, 1987.

GORENDER, Jacob. Teses em confronto: do catastrofismo de Kurz ao social-democratismo de Chico de Oliveira. **Revista Universidade e Sociedade**. São Paulo: ANDES-SN, ano 4, nº 6, p. 40-49, jul. 1994.

GUEVARA, Ernesto. **O socialismo humanista. Ernesto “Che” Guevara**. Petrópolis: Vozes, 1991.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **Para compreender o pensamento de Karl Marx**. Lisboa: Edições 70, 1981.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UGMG, 2002.

LÊNIN, Vladimir Illich. **Marxismo e revisionismo**, s.n.t., 1908.

_____. O oportunismo e a falência da II Internacional. **Revista Vorbote**, n. 1, 1916.

_____. **O Estado e a revolução**. São Paulo: Hucitec, 1983.

_____. **Que fazer?** As questões palpitantes do nosso movimento. São Paulo: Hucitec, 1988.

MANDEL, Ernest. Qual o significado do projeto Gorbachev? **Lua Nova**, n. 14, p. 58-81, jun. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n14/a07n14.pdf>. Acesso em: 12/2/2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas**, mar. 1850. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/85282777/Mensagem-a-liga-dos-comunistas>. Acesso em: 20/2/2016.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: por uma teoria da transição**. Perdizes: Boitempo, 2002.

_____. Economia, política e tempo disponível: Para além do capital. **Revista Margem Esquerda**, São Paulo: Boitempo, n. 1, p. 93-124, 2003a.

_____. **O século XXI: socialismo ou barbárie?** Perdizes: Boitempo, 2003b.

MOREIRA, Ruy. Do socialismo utópico ao socialismo soviético. **Teoria e Práxis**, Revista de Ciências Humanas e Políticas, n. 5, p. 5-24, s.d.

RIBEIRO, Júlio César. **A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico**. Niterói: UFF, 2006 (Tese, Doutorado em Geografia). Disponível em: http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_arquivos/26/TDE-2009-09-25T145309Z-2219/Publico/Julio%20Ribeiro-Tese.pdf. Acesso em 13/3/2016.

_____. Teoria e metateoria marxiana e marxista no tempo (e no espaço). **Revista Ciência Geográfica**, Bauru: AGB-seção local, ano 13, v. 13, n. 2, p. 27-37, jul./dez. 2008.

_____. Na unidade dialética entre ética e estética, um dos traços da ontologia de Lukács. **Anais do III Seminário Científico Teoria Política do Socialismo**. Marília: UNESP, p. 1-6, ago. 2009.

_____. De como a Geografia pode contribuir com a leitura do movimento, enquanto corpo teórico em movimento: breve releitura de teses marxistas. **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB-seção nacional, ano 26, v. 2, n. 35, p. 69-88, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/418/397>. Acesso em: 13/3/2016.

_____. As veias abertas da cibereconomia: fundamentos da expatriação de excedente na nova economia espacial do capital. **Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente: CEGeT, v. 16, n. 2, p. 41-68, dez. 2015. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/3868/3192>. Acesso em: 19/3/2016.

_____. Réquiem de um golpe anunciado. **Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente: CEGeT, v. 17, n. 1, p. 363-389, jul. 2016. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/4463/3451>. Acesso em: 13/10/2016.

RODRIGUES, Thaise (ed.). China, a grande potência. **Revista Conhecer Fantástico**, São Paulo: Instituto Brasileiro de Cultura Ltda./Arte Antiga, ano 1, n. 15, 2005.

_____. (ed.). Stálin: o ditador que espalhou o horror em nome do socialismo. **Revista Grandes Líderes da História**, São Paulo: Arte Antiga, ano 2, n. 22, 2007.

SOLJENITSIN, Alexandre. **Como reorganizar a nossa Rússia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

STÁLIN, Josef Vissarionovitch. **Como a Social-Democracia considera a questão nacional?** s.l., 1904. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/stalin/1904/09/01.htm>. Acesso em: 7/2/2013.

THEURET, Patrick. China-EUA: o choque do século XXI. *Revista Princípios*, São Paulo: Anita, n. 79, p. 52-59, 2005.

TSÉ-TUNG, Mao. **O livro vermelho**: citações do comandante Mao Tsé-Tung. São Paulo: Martin Claret, 2003 (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 121).

WOLFFENBÜTTTEL, Andréa. Foco no crescimento. **Revista Desafios**, Brasília: IPEA, ano 2, n. 13, p. 10-13, ago. 2005. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1323:entrevistas-materias&Itemid=41. Acesso em: 15/2/2016.

Recebido em: 06/06/2016

Aceito em: 13/04/2017